

O FAÇONISMO NO ESPAÇO URBANO DE AMERICANA-SP

Gracieli Trentin

Graduação em Geografia Licenciatura pela UFSM e Mestranda em Geografia pela UNESP
Rio Claro.

gracitrentin@yahoo.com.br

RESUMO

O espaço urbano agrega uma imensa diversidade cultural, devido a sua dinamicidade. As inovações tecnológicas atreladas ao sistema capitalista se sobrepõem ao modo de vida. Dessa forma, a busca de maior lucratividade tende a influenciar a organização espacial de um determinado local. O façonismo é uma modalidade de terceirização de serviços e pode constituir-se em agente ativo na organização espacial de uma cidade, como ocorreu no município de Americana-SP, sobretudo vinculado à atividade têxtil. Assim, o objetivo do trabalho foi analisar a atividade façonista e sua repercussão na formação e crescimento urbano desse município. A atividade têxtil destacou-se na economia local desde a formação do núcleo urbano, fato que impulsionou a expansão da cidade. Entre as décadas de 60 e 80, Americana recebeu um intenso fluxo migratório de trabalhadores em busca de melhores condições de vida. Contudo, a abertura brasileira ao mercado externo e a incorporação de inovações tecnológicas pela indústria têxtil na década de 90, resultaram na crise econômica que acarretou desemprego e várias falências.

Palavras-chave: *façonismo*, espaço urbano, indústria têxtil, modernidade

THE FAÇONISMO IN THE URBAN SPACE OF AMERICANA-SP

ABSTRACT

The urban space aggregates an immense cultural diversity, due to its dynamic. The technologic innovations proposed by capitalism overlap to the way of life. Therefore, the search for more profit influences the spatial organization of determined place. The 'façonismo' is a form of tercerization of services and can constitute an active agent in the spatial organization of a city, as occurred in Americana-SP town, especially linked to activity textile. Thus, the aim of this work was to analyze the façonista activity and your repercussion in the formation and urban growth of Americana-SP. Since the formation of urban nucleus of this town the textile activity plays the part of prominence, constitute in the main impulse of economy and consequently urban growth. Americana was target of an intense migrate flow of workers between decades of 60 and 80 searching for better conditions of life. However, the Brazilian opening to external market and the entry of technologies innovations by the textile industry in decade of 90, resulting in an economic crisis that consequently caused several bankruptcies.

Key-words: *façonismo*, urban space, textile industry, modernity

O FAÇONISMO NO ESPAÇO URBANO DE AMERICANA-SP

INTRODUÇÃO

Quase cinco horas da manhã. O sol nem se levantou, o ar continua denso com a névoa da noite passada, e uma fila desorganizada de homens e mulheres vai se formando lentamente pelas ruas. Às vezes a pé, às vezes em uma bicicleta reluzente que a jornada matutina diária proporcionou. Portão a portão vão juntando-se outros neste seu caminho habitual [...]. As ruas já não repousam na quietude da madrugada e fervilham cada vez mais de gente andando em seu passo apressado, o ponto não espera. As calçadas vão perdendo a cor pelo caminho e ganhando ritmo [...] as máquinas agora vão pontuar o ritmo do resto do dia, no vaivém da lançadeira traspassando o urdume com sua trama, provocando as batidas repetidas do tear. O entardecer chega, e a multidão da manhã perde sua sincronicidade, os caminhos são divergentes, as casinhas se espalham. Enfim, o lar. E o sono fatigado que não tarda, é embalado por uma canção de ninar... Ela corta o ar, vinda das janelas ao lado: ta-táta, ta-táta, ta-táta. A fábrica continua presente em seus sonhos. (Lima, 2002, p.17).

O espaço urbano apresenta enorme diversidade possibilitando a interligação de diferentes culturas, costumes e práticas sociais. À medida que o urbano torna-se complexo, ou seja, suas proporções aumentam, evidencia-se maior dificuldade quanto à manutenção das características intrínsecas de cada cultura, porém, isto não significa uma homogeneização desse espaço. Apesar das imposições do sistema capitalista, o espaço urbano continua diferenciado e com singularidades que emergiram quando da formação de cada núcleo urbano, bem como das influências que cada núcleo, de forma individual, foi alvo. Os fatores e elementos que incidiram e incidem sobre cada área urbana foram e são determinantes de seus padrões de urbanização, da forma e estrutura do desenho urbano. Afinal, conforme Lefèbvre (1966) qualquer estrutura social se apresenta, pois, com uma aparência e com uma realidade.

A industrialização, ao provocar uma profunda alteração na divisão social e espacial do trabalho, implica mudanças radicais na vida do homem. A aglomeração da população, dos meios de produção e capitais em determinados lugares, multiplica os espaços de concentração e produz uma rede urbana articulada e hierarquizada (CARLOS, 1989).

Henry Lefèbvre (1970 citado por RATTIS, 2003) identifica um caos presente no mundo moderno: em meio ao desenvolvimento e especialização do conhecimento, um desconhecimento se constitui e aflora. Por outro lado, o confronto inclui novos atores como os povos, as nações, as tribos, as etnias, as religiões e não mais as classes sociais. O autor entrevê nesse caos aparente, o embate entre poderes homogeneizantes e habilidades diferenciadas revelando a capacidade destrutora dos primitivos e a resistência dos últimos. Assim, é possível perceber a convivência entre as diferenças muito mais visível nos espaços urbanos atuais.

A técnica introduz “uma visão instrumental do mundo, tudo tende a ser avaliado em termos de funcionamento, de operação técnica e de eficácia, de sucessivos ajustamentos aos novos imperativos tecnológicos” (BALANDIER, 1997, p. 227). Essas são as regras impostas pelo sistema capitalista, em constante transformação e com fins exclusivos de maior lucro, poder e dominação.

No entanto, percebe-se que a adaptação às inovações tecnológicas não são homogêneas, o antigo e o novo sobrevivem conjuntamente no mesmo espaço, até que o novo se sobreponha

totalmente, devido à dinamicidade tecnológica ao apresentar constantemente novos instrumentos de trabalho. Dessa forma, a construção da história social que advém das antigas formas de produção é mais detalhada e mais rica, em decorrência do tipo de relações sociais passadas, da maior convivência e do trabalho coletivo em detrimento do individualismo e da divisão excessiva de tarefas proposto pelos mecanismos modernos.

Assim, a modernidade trouxe consigo a desestruturação de sistemas de produção que possibilitaram o desenvolvimento inicial e posterior expansão de núcleos urbanos, bem como a formação histórico-social de suas populações. Um exemplo pode ser observado no sistema façônista de produção que se refere à prestação de serviços por parte de pequenas indústrias a indústrias de grande porte.

O fato desse sistema de trabalho estar relacionado com a prestação de serviços intermediários – trabalhando a matéria-prima – de uma determinada atividade industrial pode influenciar no desenvolvimento industrial, no crescimento urbano e também no contingente populacional de uma cidade, como ocorreu no município de Americana, localizado no interior do estado de São Paulo.

Neste município, e em outros do entorno, a indústria têxtil constituiu-se em importante atividade econômica, gerando paralelamente uma atividade de prestação de serviços terceirizados a partir de empresas de maior porte, a qual desempenhou papel de destaque no crescimento e desenvolvimento do local, o *façonismo*, que impulsionou o mercado de trabalho local e também atraiu imigrantes de diversos locais, contribuindo para a maior diversidade cultural.

A partir da primeira indústria instalada, denominada Indústria de Tecidos Carioba, em 1875, derivaram os primeiros tecelões que compraram teares usados e deram início a essa prática de prestação de serviços. Aos poucos muitas pequenas indústrias passaram a pontuar o espaço urbano local, situadas nos fundos das próprias residências, empregando os membros da família, seja em salões alugados por mais de uma indústria têxtil de cunho façônista.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho encerra-se em apresentar e analisar a repercussão da atividade façônista na formação e crescimento urbano de Americana, além de considerar o fluxo migratório que o município recebeu e o rápido crescimento urbano que apresentou, principalmente nos anos 60. E, posteriormente, o impacto econômico causado pelas inovações tecnológicas e a abertura de mercados para o capital externo, dos anos 90, a qual acarretou uma crise econômica que se estende até o período atual, principalmente relacionada a sua atividade primordial – a têxtil.

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

Ao analisar o processo de reprodução urbana torna-se necessário reportar-se ao estudo da cidade. O rápido crescimento industrial traz à cidade mudanças significativas tanto no que se refere ao modo de vida da população quanto ao processo espacial. A atividade industrial assume o comando na reprodução espacial, pois articula e subordina outras parcelas do espaço, já que o mercado de matérias-primas e auxiliares e o mercado de destino dos produtos acabam por ultrapassar o nível espacial do lugar (CARLOS, 1989).

Todavia, em uma análise contemporânea, não é possível focar a questão urbana sem abordar a história do processo de urbanização, que introduz a problemática do

desenvolvimento das sociedades.

Isto quer dizer, se é claro que o processo de formação das cidades é a base das redes urbanas e condiciona a organização social do espaço, que quase sempre se detém na taxa de crescimento demográfico, ligando num mesmo discurso ideológico a evolução das formas espaciais de uma sociedade e a difusão de um modelo cultural sobre a base de uma dominação política (CASTELLS, 1973, p. 18).

A partir desta reflexão é possível precisar melhor o termo urbanização, Castells (1981) afirma que a mesma tem dois sentidos distintos: 1) concentração espacial de uma população, a partir de certos limites de dimensão e de densidade; e 2) difusão de sistema de valores, atitudes e comportamentos denominado *cultura urbana* (BEZERRA, 2002).

A configuração da urbanização e os resultados do novo contexto, acrescidos das dinâmicas do capital e da ação incisiva dos agentes urbanos, contribuíram cada vez mais para o firmamento da idéia de um favorecimento da cidade em relação ao campo que, repercutiu, por vezes, no aceite para alguns autores de uma vivência urbana completa. Entre os agentes urbanos, o Estado deteve papel fundamental na construção daquele momento marcado primeiro como atrativo e, mais tarde, pela expansão das estruturas da cidade sobre o campo (ROCHA; PIZZOLATI, 2005).

Para Lefèbvre (2001), a transformação da cidade através do fortalecimento burguês distanciou as sociedades onde predominavam as relações de propriedade da terra, pela sociedade atrelada as novas formas de reprodução do capital, fundadas principalmente na indústria. Sob o domínio do capital, a cidade tomou como base o crescimento urbano vinculado à renda fundiária que passou a incorporar a lógica social dominante. A renda fundiária e a dinâmica econômica envolvida na possibilidade de explicitá-la relacionaram-se, assim, a força econômica própria das sociedades burguesas em que as categorias utilizadas para explicar a cidade surgem a partir da indústria e não de modificações sobre o espaço rural.

O desaparecimento do homem do campo, para quem a natureza se enraíza em um determinado meio, em uma paisagem, em uma memória coletiva e em uma história localizada, significa a ruptura do contrato que regia a relação dos homens com a natureza. Os homens progridem cada vez mais em detrimento dela, constroem uma espécie de segunda natureza mascarando a primeira, e em seguida a impõe, tentam substituir uma pela outra, naturalizam os meios artificiais que resultam de seus projetos afastando sempre, e para longe, os limites naturais (BALANDIER, 1997, p. 182).

A modernidade atual, mais que nenhuma outra época, subverteu a relação com a natureza e a maneira de exprimi-la – pela fascinação, pela dúvida ou a contestação. Esta nasce da refutação do produtivismo, da recusa de uma submissão crescente e considerada nefasta ou mortífera das riquezas e forças naturais. A constatação geradora das reações individuais e coletivas é a de uma desnatura sempre e cada vez mais exacerbada. Os espaços urbanos e industriais continuam sua expansão preservando espaços naturais que parecem mantidos unicamente por artifícios (BALANDIER, 1997, p.182).

Mesmo residindo na cidade, muitos dos habitantes provenientes das áreas rurais reproduzem os contornos da vida do campo no espaço urbano, não apenas pela vivência, como por serem representantes de uma economia rural no interior da economia cidadina. Entender como ocorre e se materializa o referido fenômeno, repercute em analisar de que modo as atividades da

economia urbana, formada pelas atividades econômicas da indústria e do comércio, se imbricam e se relacionam às atividades rurais, tipicamente integradas a economia do campo que se encontram estabelecidas na cidade (ROCHA; PIZZOLATI, 2005).

Haesbaert (2002) argumenta que o crescimento vertiginoso da cidade não é um processo contínuo. No interior das áreas urbanas são produzidas várias formas de diferenciação sócio-espacial, que se apresentam pela diferença material e simbólica dos objetos espaciais, das formas de relações sociais e das práticas culturais diversas. A modernização das ações estatais e dos agentes privados tenta produzir a ordem urbana a partir da tecnologia, ditando modelos materiais e simbólicos, dominantes a todo o espaço urbano.

Porém, o autor ressalta que essa modernização é desigual, agregando algumas partes do espaço urbano ao processo e excluindo outras. Também é conflituosa por gerar várias dicotomias, como o embate entre o moderno e o tradicional, entre as visões de novo e a imprevisibilidade das transformações e entre as versões proclamadas de mudança e os processos realmente vividos. No campo simbólico, isto representa a disseminação de diferentes formas de identificação e produção de inúmeros grupos e agregados sociais, que geram práticas culturais diversas (COSTA, 2005).

A MODERNIDADE E O MODO DE VIDA URBANO

A diversidade de estruturas e modos de vida incluídos no espaço urbano revelam as transformações e o aumento das contradições em seu interior ao longo da história. Cabe destacar que a urbanização não se deu independente dos condicionantes locais, estando associada às formas espaciais e às bases econômicas do território (ROCHA; PIZZOLATI, 2005).

A divisão social do trabalho, com novas regras e características do capitalismo em ascensão, destruiu modos de vida tradicionais, alterando drasticamente tanto as estruturas sociais como o ambiente natural. As sucessivas inovações econômicas e tecnológicas, aceleradas a partir do século XVIII, cujas origens recentes remontavam pelo menos aos séculos XV e XVII, geraram um processo inédito de globalização ao estabelecerem vínculos econômicos, políticos e culturais entre quase todas as grandes regiões do planeta (VELHO, 1995).

A modernidade apresenta-se como uma espécie de quebra-cabeça cujas peças estão misturadas, algumas faltam e a maioria, além disso, está em movimento. Tudo se agita e os indivíduos se encontram mergulhados em incertezas, porque os sinais que orientavam o curso de uma vida são freqüentemente modificados ou deslocados. As paisagens [...] mudam pela urbanização contínua e pelos deslocamentos, geram novas arquiteturas e mudam também pela extensão das redes de comunicação. Os espaços de vida privada se transformam igualmente com o habitat moderno, a residência passa a abrigar o lazer com a multiplicação dos instrumentos de uso doméstico, com o aparecimento dos sons, das imagens e de todas as “tele” que apagam a fronteira entre o interior – o lar – e o exterior. Mesmo o trabalho não determina mais o engajamento de toda uma vida: submete-se cada vez mais aos ricos que resultam do progresso técnico, das perturbações econômicas, das modificações que afetam as qualificações e os empregos (BALANDIER, 1997, p. 230).

Por conseguinte, é sabido que as concepções de tempo e espaço, de acordo com a perspectiva

materialista, são necessariamente criadas através de práticas e processos materiais que servem à produção e reprodução da vida social. Ao se considerar o modo de produção capitalista, é preciso salientar sua peculiar característica inerente a permanente mudança de suas práticas e processos materiais de reprodução social, pois o mesmo é obrigado a modificar ininterruptamente seus meios de produção para aumentar a produtividade. Disso decorre que as qualidades objetivas, assim como os significados de tempo e espaço também se modificam, e essas transformações podem ter conseqüências para a organização da vida diária (HARVEY, 2005).

De um lado, o que afeta o referencial principal de toda vida cotidiana, impondo um ritmo e um sentido, uma memória e um imaginário é o emprego. A generalização e o prolongamento da educação, a banalização das formações especializadas e mais parceladas contribuem para a difusão de uma racionalidade operacional que substitui as habilidades completas e concretas transmitidas pela tradição e pela prática, as quais estabelecem uma relação personalizada no trabalho (BALANDIER, 1997, p. 228).

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE AMERICANA

Americana pertence à área metropolitana de Campinas-SP, sua extensão territorial é de 144 km², sendo que se apresenta intensamente urbanizada (grau de urbanização 99,8% conforme SEADE, 2006). Ao longo das décadas sua população apresentou grande crescimento, como pode ser verificado na Tabela 1, onde é possível observar a drástica diminuição da população rural, sendo essa quase inexistente, bem como, o elevado aumento populacional urbano derivado em grande medida do processo migratório dirigido a esta área urbana.

Tabela 1 – Crescimento populacional de Americana 1940 – 2005

	<i>Pop. Total</i>	<i>Pop. Urbana</i>	<i>Pop. Rural</i>	<i>Pop. Suburbana</i>
1940*	13.503	3.233	6.609	2.569
1950	21.415	9.425	6.658	5.332
1960	37.856	32.000	5.856	-
1970	66.316	62.329	3.987	-
1980	121.998	121.743	261	-
1991**	153.840	153.592	187	-
2000	182.593	181.867	433	-
2005***	200.607	200.131	476	-

Fonte: IBGE, 2006; SEADE, 2006.

Notas:

* Os dados de 1940 incluem a população de Nova Odessa, emancipado posteriormente.

** O censo do IBGE foi realizado em 1991.

*** Os dados de 2005 referem-se a estimativas populacionais.

A área em que o atual município está inserido foi destino de imigrantes norte-americanos a partir de 1866, que saíram de seu país de origem em face da insatisfação com os resultados da Guerra de Secessão. No Brasil procuraram locais onde pudessem dar continuidade à produção de algodão. Habitando fazendas isoladas na área que constitui o município de Americana, não podem ser considerados responsáveis pela formação do povoado que deu origem ao referido município. Além deles também chegaram nessa região outros imigrantes, sobretudo italianos.

Americana tem seu desenvolvimento historicamente atrelado à indústria têxtil, assim é possível afirmar que a urbanização e industrialização caminharam juntas, influenciando-se mutuamente. A primeira tecelagem local surge no mesmo ano de inauguração da estação

ferroviária de Santa Bárbara, e algumas décadas mais tarde torna-se a célula-mater da economia industrial local (LIMA, 2002). Conforme expõe Carlos (1989), o processo de industrialização intensificou o processo de urbanização a ponto de ambos se tornarem indissociáveis. Um novo urbano surge a partir da criação de novos padrões de produção e consumo. São geradas novas formas de convivência entre as pessoas a partir de um novo modo de vida. Em conseqüência, profundas alterações de valores e crenças afetaram os costumes e as relações tradicionais. Esse processo vem de encontro com a situação vivida pela área em estudo.

A construção da ferrovia prolongou-se por vários anos propiciando o aparecimento de algumas casas comerciais o que levou, anos mais tarde, o capitão Inácio Corrêa Pacheco, dono das terras vizinhas, a lotear e vendê-las, oportunizando a construção de novas casas e então, iniciar-se aí um povoado (RODRIGUES, 1978). A estação férrea, utilizada para escoamento da produção agrícola, também se tornou ponto de encontro de lavradores, principalmente norte-americanos que viam como local de troca de idéias com seus patrícios já que as fazendas eram isoladas, tal freqüência de imigrantes norte-americanos à estação destacava-se pela sua linguagem o que resultou na denominação de “Vila dos Americanos”, denominação bem aceita e oficializada em 1900 como Vila Americana.

A presença da estação representou grandes alterações para aquela área rural onde viviam famílias de imigrantes em fazendas e sítios isolados. A construção da estação constituiu-se no marco fundamental para o aparecimento e desenvolvimento da cidade, muito mais que a própria indústria de algodão instalada nas proximidades, uma vez que esta última sempre funcionou como uma propriedade fechada a ponto de criar um núcleo isolado, posteriormente denominado Carioba, outrora integrado à cidade como um dos seus bairros urbanos (RODRIGUES, 1978).

Na comparação entre o núcleo central da cidade e Carioba, aparece a maior representatividade do bairro não só regionalmente, mas a nível estadual. Durante o apogeu de Carioba (de 1910 a 1930), esse povoado era referência para negociantes e figuras ilustres da sociedade paulistana, e até mesmo Americana era desconhecida como cidade. No entanto, em 1977 ocorre o fechamento da indústria Carioba, considerado o início da indústria têxtil de Americana, porém, continua sendo lembrada como o grande símbolo da fase promissora da indústria têxtil americanense (IAOCHITE, 2005).

A crise cafeeira dos anos 30 e as mudanças políticas do país marcaram o início de grandes transformações. Da década de 30 a 60, a economia urbana, principalmente a industrial, adquire predominância na estrutura produtiva (PIRES; SANTOS, 2002). Em virtude das condições locais oferecidas, como a proximidade com a metrópole paulistana, a existência de eixos de circulação, presença de mão-de-obra barata, a existência de incipiente atividade industrial, disponibilidade de energia elétrica, espaço e políticas de incentivo surgiram importantes centros industriais em áreas interioranas (DAVIDOVICH, 1966).

Outro aspecto interessante da população americanense reside no espírito desenvolvimentista da época que contagiava a população local por ver sua cidade modificar-se e ampliar-se, ao mesmo tempo em que a velocidade dessa transformação causava certo temor quanto à perda de controle sobre o território (LIMA, 2002). É perceptível o sentimento ufanista, principalmente nas obras que retratam a história local. Assim, é possível encontrar ligação nas palavras de Carlos (1989), à medida que o processo de urbanização no sistema capitalista ocorre paralelamente à industrialização, produz-se uma nova sociedade.

A ATIVIDADE FAÇONISTA EM AMERICANA

O início do sistema façonista em Americana ocorreu quando o vendedor de fios de seda Luiz Bertoldo tomou conhecimento de 12 teares usados que estavam praticamente parados devido a falência de tecelagens anteriores, então ele decidiu pela sua compra, transferindo-se com a família para Americana. Por meio de um acordo com a tecelagem Ítalo-Brasileira, se propôs a trabalhar a matéria-prima que a tecelagem forneceria, recebendo pelo serviço prestado, evitando o emprego de capital próprio.

A atividade façonista foi muito utilizada na França e na Itália depois difundida em países subdesenvolvidos, como exemplo no Brasil, especificamente o caso de Americana-SP (RODRIGUES, 1978). Uma definição para tal atividade é dada por Lima,

O façonismo é uma modalidade de terceirização de serviços, caracterizada pelo fornecimento de fios por uma grande firma contratadora a outros pequenos produtores, os quais na cidade eram majoritariamente tecelões que alugavam ou compravam teares usados, em número de 1 ou 2, e trabalhavam nas horas vagas como forma de expandir os ganhos. Os façonistas complementavam assim a produção dessas grandes indústrias em momentos de maior demanda, sem que para isso houvesse a necessidade destas investirem em mão-de-obra e equipamentos (LIMA, 2002, p. 35).

As pessoas que já trabalhavam nas indústrias existentes começaram a mostrar interesse pelo trabalho em casa (*fação*) adquirindo seus próprios teares. No início da década de 30 a indústria têxtil começou a multiplicar-se, já eram vários os operários que adquiriam duas ou três máquinas, pagando em prestações e aproveitando as horas de folga e o auxílio da família para obter um complemento na renda (RODRIGUES, 1978). A matéria-prima era fornecida pela própria indústria em que trabalhava. O material era transportado na maioria das vezes em carrocinhas, carro de mão e até mesmo na traseira de bicicletas o que induz ao fato dessa produção ser em pequenas quantidades. O auxílio da mulher levou a instalação de teares até mesmo na cozinha, possibilitando o trabalho no tear e nas panelas do fogão. Ainda assim, o rendimento era pequeno e o pagamento da máquina tornava-se mais demorado, o que inviabilizava a compra de outra máquina.

Depois de certo tempo de trabalho era possível instalar outro tear ainda dentro de casa, no entanto, a partir do terceiro era necessário transferir as máquinas para um barracão ou telheiro construído no próprio quintal. Posteriormente, haveria a necessidade de ampliar o salão e o número de máquinas contratando alguns empregados. O façonista desempenhava o papel de mestre e contramestre e os outros papéis cabiam aos demais familiares e empregados (RODRIGUES, 1978).

Com as modificações nas importações advindas do primeiro pós-guerra, a produção nacional e o desenvolvimento industrial brasileiro foram favorecidos. Esse cenário somado ao início da atividade de fabricação de teares em São Paulo nos anos 20 facilitou a obtenção do maquinário, e dessa forma, impulsionou o *façonismo* em Americana. Esse fato contribuiu com a alteração da configuração urbana, pois o que era apenas uma atividade complementar passou a ser a principal atividade de muitos ex-tecelões que passaram a trabalhar com a ajuda de toda a família. A partir dessa intensificação façonista as pequenas fábricas se espalharam pelo espaço urbano, em cômodos contíguos à própria casa, ou em diminutos salões alugados por grupos de três a quatro firmas, que subdividiam o espaço com paredes ou mesmo cortinas (LIMA, 2002).

É preciso destacar que o fezonista nem sempre era um experiente mestre ou contramestre. Rodrigues (1978) enfatiza que cidadãos possuidores de reservas financeiras, geralmente vindos da zona rural, embora nada entendendo do setor têxtil, foram impulsionados pela boa fase da dessa atividade industrial local e, por sua vez, adquiriram e instalaram algumas máquinas, contrataram empregados e passaram a desempenhar a função de industriais trabalhando no sistema fezonista.

A partir de 1940 a expansão do setor têxtil, mais especificamente a atividade fezonista, intensificou-se com o advento dos fios artificiais, que barateavam muito o custo, enquanto matéria-prima mais acessível que o algodão ou a seda. Nesse momento, o crescente desenvolvimento das indústrias têxteis e sua disseminação pelo tecido urbano inauguraram um novo tipo de paisagem em Americana, e mais do que isso, um novo modo de apropriação da cidade e de desfrute de temporalidade cotidiana (LIMA, 2002). A imagem da cidade tornou-se indissociável da imagem das suas indústrias. Rodrigues (1978) apresenta alguns fatores que podem ser esclarecedores quanto à rápida multiplicação da indústria fezonista em Americana, nessa época:

- 1 - a presença da fábrica de tecidos Carioba, tendo sido local de contato dos primeiros fezonistas com a atividade têxtil, já que a maioria havia sido empregado na fábrica. A presença de Carioba também representou força de atração para a vinda de grandes comerciantes da capital para a Vila;
- 2 - a instalação de algumas firmas autônomas de médio porte, ligadas à industrialização de seda, cuja produção era insuficiente para a demanda da época o que oportunizou a atividade fezonista;
- 3- a facilidade na obtenção de máquinas oferecidas pelas indústrias pioneiras em fabricação de teares que se instalaram na capital paulista em 1930, quando houve a restrição das importações, estas indústrias ofereciam vantagens no financiamento das máquinas;
- 4- a automatização da indústria têxtil iniciada nos grandes centros acelerou a multiplicação desses estabelecimentos fezonistas em Americana, graças às facilidades oferecidas por aquelas indústrias em renovação que vendiam seus teares usados, embora muitos já obsoletos. Para escapar das exigências da lei tornou-se freqüente a divisão da indústria entre membros da família. Os filhos ao atingirem a maioridade e principalmente após o casamento eram inclinados a montar sua própria fábrica;
- 5- Americana foi sempre bem servida de energia elétrica;
- 6- a própria legislação incentivou a multiplicação dessas indústrias por definir isenção de impostos às indústrias têxteis com até 25 teares;
- 7- abundância de mão-de-obra, apesar de pouco especializada;
- 8- instalação de firmas autônomas com objetivo de aproveitar a oferta de mão-de-obra barata, ampliando as possibilidades dos fezonistas;
- 9- a melhoria dos meios de transportes, sobretudo o destacado desenvolvimento rodoviário.

O fezonista constitui uma classe heterogênea quanto ao aspecto sócio-econômico, à origem étnica, a formação intelectual e outros aspectos que refletem nos múltiplos tipos de indústria. Quanto à nacionalidade, são na maioria descendentes de ítalo-brasileiros. Rodrigues (1978) ressalta a existência de uma acentuada equivalência entre os troncos brasileiros e italianos e uma não confirmação do papel que se quer dar aos norte-americanos no desenvolvimento têxtil de Americana, especialmente no caso fezonista.

Quanto às relações de trabalho destaca-se a tendência de uma relação mais amistosa entre o feitor e seus empregados diferente da relação encontrada em estabelecimentos maiores, ou nas indústrias autônomas, isto se liga diretamente ao fato de estarem trabalhando lado a lado e por serem freqüentes as relações de parentesco entre patrão e auxiliares. Quanto ao grau de instrução, a quase totalidade dos feitores não apresentava formação além do curso primário, no entanto, seus filhos já passaram a receber instrução melhor, freqüentando estabelecimentos de curso médio, geralmente no período noturno, em decorrência da jornada de trabalho diária na indústria, sendo o trabalho infantil muito presente.

Na paisagem urbana está refletido o papel e a importância do *feitorismo*, pois seus estabelecimentos não se destacam, com algumas exceções, pela imponência de seus edifícios, ou pela característica industrial de suas fachadas. Isso ocorre, uma vez que a maior parte das indústrias está espalhada em escondidos e rústicos barracões, ou velhos edifícios que são subdivididos para acomodar mais que um estabelecimento.

O que chamava atenção em Americana não eram os grandes estabelecimentos autônomos, mas sim os estabelecimentos à *feição* que se encontravam espalhados pela mancha urbana. A atividade desempenhada pelos mesmos era ininterrupta, podendo-se observar a freqüente entrada e saída de materiais (tecidos) sendo transportados por diferentes meios de transporte, como cita Rodrigues (1978), caminhões, caminhonetes, kombis, carrocinhas puxadas por animais.

O cotidiano local era caracterizado pelo incessante barulho dos teares em movimento, intensificado próximo às firmas feitoristas, visto que muitas vezes várias indústrias estavam localizadas na mesma rua. Esse barulho maior nas indústrias feitoristas do que em grandes indústrias autônomas é explicado pela localização e tipo de construção dos pequenos estabelecimentos, por estarem mais próximos à rua, e também nos fundos de quintais ou em barracões próximos às casas.

A participação do *feitorismo* na oferta de mercado de trabalho à população de Americana é outro fator que reflete a importância dessa atividade na vida da cidade e desenvolvimento do município. Muitos operários das indústrias têxteis eram procedentes de outros municípios (54,4%), esses migrantes foram atraídos pelo destacado desenvolvimento industrial de Americana. O processo migratório mostrou-se sempre crescente, apresentando grande aumento, principalmente na década de 60, quando a população de Americana praticamente duplicou. Os períodos que mais houve incrementos populacionais na área referem-se às décadas de 50, 60 e 70. A procedência desses migrantes é de municípios vizinhos, do estado de São Paulo e em menores proporções provenientes de outros estados do Brasil. Afinal, quanto maior a cidade se torna, maior a sua diversidade social, pois ela agrega uma variabilidade de possibilidades de trabalho, de níveis de consumo, de papéis sociais e de proveniência de pessoas (COSTA, 2005).

Um fato interessante detectado por Rodrigues (1978) refere-se à atividade anterior desempenhada por esses migrantes, mais da metade dos chefes de família eram lavradores que deixaram a zona rural, intensificando o processo de êxodo rural verificado nessa época. Um dos motivos para a saída desses lavradores das áreas rurais relacionava-se com a busca de trabalho para seus filhos, inclusive do sexo feminino, que são mais bem aceitos em atividades têxteis, constituindo uma norma geral nesse setor, por se tratar de uma indústria considerada leve. Entretanto, a indústria feitorista de Americana foge a esta regra, já que 63,2% de seus operários eram do sexo masculino.

O grande desenvolvimento da atividade feçonista, entretanto, foi ameaçado pelas inovações tecnológicas, referentes ao maquinário têxtil, tornando-se inviável a modernização dessa atividade que utilizava e adquiria maquinário usado por preços menores, também contribuiu para a crise, a especulação empreendida pelos intermediários (viabilizavam os negócios entre feçonistas e grandes empresas) que praticavam preços abusivos. Há que se fazer referência também à força que a classe feçonista representaria se conseguisse organizar um sindicato, porém, a existência de concorrência interna inibe a coletividade. Balandier menciona na passagem abaixo a preocupação com o imediato e sua ligação com o individualismo, assim a não organização e busca de um ideal coletivo tende a crises e a ação da modernidade, que utiliza a lógica capitalista faz com que sejam abandonadas formas que não se adéqüem ao seu ideário.

Do cotidiano banal aos saberes e habilidades, às normas que regem as existências individuais, pouco escapa ao abuso, à depreciação, e, portanto, à valorização da novidade. A produtividade, associada ao consumismo e à sucessão acelerada, provocou o desperdício, a desvalorização rápida dos objetos modernos e a versatilidade como resultado das modas provocadas (Balandier, 1997, p. 231).

O período de maior crescimento econômico deu-se entre as décadas de 60 e 70, relacionado também com o incremento industrial proveniente da metrópole paulistana, ou seja, o processo de interiorização da indústria. Porém, a crise econômica dos anos 90 trouxe um desaquecimento para a economia local, pois com a abertura dos mercados para o capital externo, muitas empresas faliram e como a indústria têxtil era predominante no município, o impacto foi maior. Atualmente, verifica-se um desaquecimento da economia local e um grande conflito relacionado com a concorrência dos produtos importados.

A falência de muitas indústrias resultou no abandono de muitos salões e construções que eram utilizados, principalmente para atividades têxteis, essas formas estagnadas estavam e muitas ainda continuam espalhadas na área urbana, representando uma história de progresso e crescimento econômico. A população local, principalmente de idade mais avançada guarda na memória a época de prosperidade e gostaria que a atividade industrial voltasse a ser mais proeminente, pois representaria possibilidades de emprego para os muitos trabalhadores desempregados da cidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O mercado globalizado desencadeou mudanças na economia de Americana, ao mesmo tempo em que o local depara-se com a crescente perda de autonomia frente à inevitável perspectiva de metropolização, ou seja, a inserção de indústrias provenientes da metrópole paulistana (LIMA, 2002), também há o avanço tecnológico inserido nos instrumentos de trabalho do setor têxtil e de outros setores industriais.

A indústria feçonista, por ter surgido e se desenvolvido sem uma base necessária, enfrentou uma série de problemas, que foram ampliados à medida que as empresas se multiplicaram e a tecnologia tornou-se mais avançada. Assim, a grande concorrência entre os próprios feçonistas; a obsolescência de maquinário; os inesperados cortes da produção; a falta de crédito para a ampliação e modernização da indústria; a inexistência de contratos entre o fornecedor e o industrial; a ação dos intermediários; a falta de prédios; além de outros problemas de caráter geral para o setor industrial, afeta diretamente o *feçonismo*, explicando a

instabilidade deste sistema industrial (RODRIGUES, 1978).

Vários estudos geográficos versam sobre a cidade pela racionalidade da reprodução do capital, enfatizando a dinâmica do espaço material, porém esquecem-se do componente subjetividade que permeia o espaço geográfico. Segundo Lefèbvre (2001), o espaço urbano deve ser entendido como um sistema de objetos e de valores. Assim, tornam-se necessários estudos que aprofundem as questões sobre a construção subjetiva do espaço, enfocando o espaço emotivo, não apenas o racional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALANDIER, G. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 181 – 273. Tradução de Suzana Martins.
- BEZERRA, M. C. **Desenvolvimento Urbano Sustentável: realidade ou utopia**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/140.html>. Acesso 5 dez., 2006.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço e Indústria**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989. p. 70.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- COSTA, B. P. da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 79 – 113.
- DAVIDOVICH, F. Aspectos geográficos de um centro industrial: Jundiaí em 1962. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 18, n. 4, p. 329 – 374. Rio de Janeiro, 1966.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural** 14 ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- IAOCHITE, J. C. **Apropriação e revalorização do espaço urbano: análise da ocorrência de *brownfields* no município de Americana – SP**. 121 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.
- LEFEBVRE, H. O Materialismo Histórico. In: **Para compreender o pensamento de Karl Marx**. Lisboa: Edições 70, 1966.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMA, D. M. de. **Americana em um século: a evolução urbana de uma cidade industrial de porte médio**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.
- MOREIRA, A. da S. (Org.). **Sociedade Global: Cultura e Religião**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, v. 1, p. 56-78.
- PIRES, M. C. S.; SANTOS, S. M. M. dos. Evolução da mancha urbana. In: FONSECA, R. B. et al (Orgs.). **Livro verde: desafios para a gestão da Região metropolitana de Campinas**. Campinas: UNICAMP, 2002.
- RATTS, A. J. P. A Geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A. J. P. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- ROCHA F. G.; PIZZOLATI, R. L. **Cidade: espaço de discontinuidades**. Estudos Geográficos, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 46-53, Dez., 2005 (ISSN 1678-698X).

RODRIGUES, J.A. Façonismo: Um Sistema de Trabalho na Indústria Têxtil – O Exemplo de Americana. **Geografia das Indústrias**. São Paulo, nº 6, pp.1-68, 1978.

VELHO, G. Estilo de Vida Urbano e Modernidade. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995, p. 227-234.